

Segmento: Hospital Conceição e Criança Conceição

31/03/2022 | Zero Hora | Notícias | 17

Maior eficácia para tratar câncer de mama

Um estudo publicado no The New England Journal of Medicine traz uma ótima notícia para o tratamento do câncer de mama, com ênfase no tipo HER2+, que é um dos mais agressivos e incide em 20% das mulheres do mundo. Uma nova droga, chamada Trastuzumabe-Deruxtecan, é considerada revolucionária pela eficácia entre os meios já disponíveis e pela redução dos efeitos colaterais.

Conforme a publicação, entre 524 pacientes selecionados aleatoriamente que receberam a medicação, 75,8% não tiveram progressão da doença em 12 meses. Além disso, houve redução dos efeitos adversos: menos queda dos cabelos, menos dores no corpo e cansaço e menor toxicidade, o que permite seguir com o tratamento por mais tempo. Os testes foram realizados em vários países, como Estados Unidos, Japão, China, Coreia do Sul, Espanha e Brasil - que tem participantes no Hospital Conceição, em Porto Alegre.

Aprovada pela Anvisa, a Deruxtecan foi testada em pacientes que estão em fase de metástase - quando a doença já se espalhou para outras partes do corpo. Para o pesquisador do Serviço de Mastologia e Pesquisa Clínica do Hospital Conceição, José Luiz Pedrini, estes são casos em que a chance de cura é praticamente nula com os recursos disponíveis hoje.

- Eu nunca vi uma potência de droga desse tamanho preservando a integridade física do indivíduo - afirma Pedrini.

O profissional explica que esta é uma medicação autogerida, formada por uma vacina (anticorpo) e um composto quimioterápico, que ataca diretamente a célula com o tumor, quebrando a cadeia do DNA responsável pela reprodução de outras células cancerígenas. O mastologista é um dos autores do estudo e coordenou a participação do Brasil na experiência.

Para participar do estudo, foram selecionadas voluntárias que passaram por pelo menos dois tipos de tratamentos anti-HER, sem sucesso. Elas recebem a droga a cada 21 dias e seguem com o procedimento enquanto houver efeito. A duração da aplicação na veia dura em média 30 minutos.

No Hospital Conceição, em Porto Alegre, 17 pacientes participaram do experimento. Dez delas tomaram a nova medicação. Destas, sete tiveram ótimos resultados e seguem em acompanhamento há cerca de dois anos.

Voluntárias

A moradora de Campo Bom Carmine Carina da Silva Dutra, 36 anos, é uma das voluntárias. A autônoma foi diagnosticada em 2018, após descobrir um caroço no seio enquanto amamentava a filha, hoje com cinco anos. Ela relata que procura não saber detalhes de seu diagnóstico, mas sabe ter metástase nos ossos, coluna e pulmão.

A paciente entrou no experimento no Hospital Conceição no final de 2019, após não ter respondido aos tratamentos pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Os resultados com a nova medicação apareceram logo no começo.

- Hoje, eu convivo (com o câncer) sem dor. Em 10 dias da primeira aplicação, eu não tive mais dores - recorda Carmine, que também comemorou que o tratamento permitiu que voltasse a pegar a filha no colo sem sentir as lesões.

Outra voluntária é Jaqueline dos Santos, 38 anos. Seu primeiro diagnóstico de câncer de mama veio em 2019, após exames. Ela passou por quimioterapia, radioterapia e fez cirurgias pelo SUS. O tratamento com a nova droga começou em 2020 após o terceiro diagnóstico, com o aparecimento de mais nódulos.

- Com seis meses de tratamento, ela já deu resultado. Desde início de 2021, eu já tenho a doença estabilizada, não tenho mais nada de nódulos, mas preciso continuar com essa medicação nova - conta.

Pesquisa vai ser ampliada

Os pesquisadores já começaram a ampliar as análises para outros tipos de câncer de mama, como o HER2-low. A terceira fase da pesquisa, prevista para iniciar em abril, terá ênfase nas pacientes que ainda não fizeram nenhum tratamento e vão fazer a cirurgia.

- Estamos marchando para um tipo de tratamento autogerenciado, que destrói a célula tumoral e preserva ao máximo possível a integridade da pessoa - projeta o médico José Luiz Pedrini.

O mastologista afirma que alguns planos de saúde já estão começando a oferecer o tratamento. Porém, de acordo com ele, uma ampola custa em média R\$ 15 mil. O preço elevado faz com que a droga ainda não esteja disponível pelo SUS.

Para a presidente do Instituto da Mama do Rio Grande do Sul (Imama) e da Federação Brasileira de Instituições Filantrópicas de Apoio à Saúde da Mama (Femama), Maira Caleffi, o desafio atual é fazer com que esses novos tratamentos cheguem às pacientes sem recursos financeiros.

- É uma esperança, uma linha de tratamento que estava sendo esperada pelos médicos - comenta Maira, que também é chefe do Serviço de Mastologia do Hospital Moinhos de Vento.

O Rio Grande do Sul tem uma taxa de mortalidade por câncer de mama estimada em 18,49 casos para cada 100 mil mulheres, conforme o levantamento realizado em 2019 e divulgado no ano passado pelo Instituto Nacional de Câncer (Inca).